

O PROCESSO AVALIATIVO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE EMPODERAMENTO E DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES

Ronice Franco de Sá*

Simone Tetz Moysés

Resumo

Apresenta o processo avaliativo participativo como estratégia de empoderamento e desenvolvimento de capacidades no campo da promoção da saúde. Conceitua, de forma breve, avaliação em promoção da saúde, análise de contexto, empoderamento e desenvolvimento de capacidades, de maneira a fornecer base para a compreensão do leitor sobre o processo de avaliação e de sistematização de experiências. Utiliza uma experiência concreta como referência para as afirmações. O enfoque adotado permite que vários questionamentos sejam levantados sobre o processo de avaliação em promoção da saúde como instrumento de transformação social.

Palavras-chave: Avaliação Participativa; Promoção da Saúde; Empoderamento; Análise de Contexto; Desenvolvimento de Capacidades.

Avaliação é uma possibilidade de transcender o cotidiano para nos levar de volta a ele, com ações concretas e que possuam um significado e uma construção coletiva.
(Tanaka; Melo, 2000)¹

1. BREVE SOBREVÃO CONCEITUAL

1.1. Processo avaliativo em promoção da saúde

Processos avaliativos são parte da ação reflexiva do homem. São oportunidades para aprendizagem capazes de induzir mudanças e consolidar práticas. Nessa perspectiva, avaliar implica

... capacidade de elaborar, negociar e aplicar critérios explícitos de análise [...] com o objetivo de julgar o mérito, valor ou estado de uma determinada ação... a fim de estimular e facilitar processos de aprendizagem e de desenvolvimento de pessoas e organizações.²

Processos avaliativos podem dar suporte à construção de melhores práticas em políticas públicas ou intervenções sociais, produzindo e sistematizando conhecimentos, respondendo às demandas por novos referenciais com alternativas conceituais e propostas de intervenção indutoras de mudanças em realidades locais de exclusão e dependência. Além disso, a avaliação pode fortalecer habilidades e capacidades para a tomada de decisão informada, oportunizada por reflexões e aprendizagens de indivíduos e grupos envolvidos³. Nessa perspectiva, a prática avaliativa assume uma dimensão política e um fim social.⁴

É no campo da promoção da saúde que o processo avaliativo explicita muito claramente tais dimensões políticas e sociais, demonstrando ser uma potente estratégia de empoderamento e de desenvolvimento de capacidades para a ação. A promoção da saúde à qual nos referimos atua como campo de ampliação do debate acerca da saúde e seus múltiplos determinantes, fortalecendo a construção de uma agenda eticamente comprometida com a transformação social em pelo menos três esferas de atuação:⁵ a) plano da atenção à saúde com uma lógica e um modelo de gestão que favoreçam a autonomia dos sujeitos; b) esfera da gestão social de políticas públicas com

* Ph.D em Educação pela Université de Sherbrooke, M.Sc. em Administração de Serviços de saúde pela Université de Montreal. Médica sanitária (Nese-PE/Ensp/Fiocruz) e do trabalho (UFPE). Diretora do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (Nusp) da UFPE. E-mail: ronicefranco@hotmail.com

** Ph.D em Epidemiologia e Saúde Pública pela University London Medical School. Mestre em Odontologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Cirurgiã-Dentista pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Professora Titular da PUC-PR. E-mail: simone.moyses@pucpr.br

Recebido para publicação em: 04/05/09.

base na intersetorialidade e na participação popular, e c) plano do modelo de desenvolvimento geral centrado na distribuição equitativa de bem-estar na sociedade alicerçado numa ação de *advocacia* da saúde. Assim, avaliar práticas de promoção da saúde implica a análise de uma diversidade de dimensões “não apenas voltadas a resultados em saúde, mas apropriação, viabilidade e sustentabilidade do processo político que produz mudanças, bem como a capacidade coletiva, institucional e territorial (local) para intervir”.⁶

A diversidade de estratégias, a complexidade das relações e as diferentes dimensões da saúde e da vida das pessoas abordadas em promoção da saúde impõem um desafio político e metodológico para a condução de processos avaliativos nesse campo de ação. Diferentes contextos, valores e expectativas de grupos envolvidos influenciam decisivamente a condução de processos avaliativos, e essa diversidade é essencial para garantir compreensão e reflexão consistentes da realidade avaliada. Além disso, avaliar práticas e utilizar seus resultados não interessam apenas aos profissionais, ou gestores, ou financiadores, mas devem envolver toda a comunidade. Avaliar torna-se, assim, uma forma de abrir o debate e assegurar que a voz de todos seja ouvida.⁷

A abordagem de avaliação participativa tem sido proposta como estratégia essencial para a condução de processos avaliativos em promoção da saúde na América Latina e no Brasil.⁸ A Organização Pan-Americana de Saúde, em seu Guia de Avaliação Participativa para Municípios Saudáveis,⁹ destaca que a avaliação participativa valoriza a contribuição das pessoas envolvidas na estratégia avaliada; fortalece o processo de empoderamento na obtenção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades na comunidade; propicia oportunidades de diálogo intersetorial; fortalece responsabilidades e oferece oportunidades para a reorientação e o aprimoramento das ações, além de fornecer motivação para a participação continuada da comunidade.

1.2. A análise de contexto no processo avaliativo em promoção da saúde

Para que se “ouça a voz de todos”, há de se considerar o contexto local. Com base no texto de Poland, Frohlich e Cargo (2008), contexto pode ser definido como “*as circunstâncias ou eventos que formam o ambiente no qual alguma coisa existe ou ocorre*”¹⁰. Esta “alguma coisa” pode ser um comportamento em saúde, um determinante de saúde, uma intervenção ou uma avaliação. Cada um desses eventos faz parte de um complexo contexto social que necessariamente define como um fenômeno se manifesta, bem como ele ocorre, resiste ou é modificado.

Atribuir sentido à avaliação implica reconhecer este contexto da intervenção avaliada, vislumbrar o papel da avaliação neste cenário, que decisões podem ser tomadas a partir de seus resultados e que intenção de aprendizagem está associada ao processo avaliativo.¹¹

Analisar o contexto em práticas de promoção da saúde é fundamental para compreender sua adequação de conceitos e desenhos: a intervenção considera adequadamente o contexto social em que determinados fenômenos, como, por exemplo,



avaliar práticas e utilizar seus resultados não interessam apenas aos profissionais, ou gestores, ou financiadores, mas devem envolver toda a comunidade. Avaliar torna-se, assim, uma forma de abrir o debate e assegurar que a voz de todos seja ouvida.

comportamentos em saúde, são construídos e se sustentam no tempo e no espaço? Analisar o contexto é fundamental para a implementação de um programa e seus resultados: a intervenção se beneficia das oportunidades disponíveis em cada contexto local e indica quais componentes da intervenção produzem que resultados, e em que condições. Analisar o contexto é fundamental para a produção e a utilização dos achados avaliativos: identificar o papel dos tomadores de decisão na implementação da intervenção, o impacto do tempo da intervenção. A avaliação é profundamente influenciada pelo contexto na definição do que é considerado possível de conhecer, o que pode ser conhecido e o que é possível avaliar no tempo e com os recursos disponíveis. Avaliações normalmente exigem aprovação, cooperação e consentimento do gestor do programa. Portanto, avaliação é eminentemente uma ação política, pois envolve diferentes atores que podem ter interesses diversos, estabelecendo relações de poder que podem ou não favorecer o processo avaliativo. A utilização dos resultados de uma avaliação também depende do contexto, o qual define possibilidades de compreensão e participação de diferentes tomadores de decisão. Assim, desenvolver processos avaliativos pressupõe empoderamento e capacidades diversas dos grupos envolvidos na ação avaliada.

1.3. O empoderamento

Empoderamento é um dos conceitos centrais da promoção da saúde, sendo considerado, por um lado, como um processo gerador de mudanças, e, por outro, um resultado esperado desse processo.¹² Vários autores citados por Oakley e Clayton (2003)¹³ conceituam o empoderamento como:

- Necessário ao desenvolvimento que visa “reequilibrar” a estrutura de poder dentro da sociedade, fazendo com que a ação do Estado seja mais responsável perante a sociedade civil, fortalecendo os poderes desta última para que administre

seus próprios assuntos, e fazendo com que as corporações empresariais sejam mais responsáveis socialmente.¹⁴

- b) O empoderamento se ocupa da comunidade coletiva e, por fim, da conscientização de classe para entender de forma crítica a realidade com o propósito de usar o poder que ainda resta aos despossuídos, como uma ferramenta de desafio aos poderosos e, em última análise, para transformar a realidade através de batalhas políticas consequentes.¹⁵
- c) O empoderamento é um processo dinâmico em desenvolvimento, centrado na comunidade local e que envolve a dignidade recíproca, a reflexão crítica, a participação e o cuidado do grupo por meio do qual aqueles que carecem da possibilidade de compartilhar os recursos existentes ganham maior acesso e controle sobre tais recursos, pelo exercício de ampliação do equilíbrio de poder.¹⁶

Esse tipo de empoderamento, no sentido usado por Paulo Freire, implica um aumento da conscientização e do desenvolvimento de uma “faculdade crítica” entre os marginalizados e oprimidos. Para tanto, é necessário possuir conhecimento, “ser capaz de”, “poder fazer”, “refletir”. Participação, desenvolvimento de competências e consciência crítica, além da autoestima, reconhecimento e capacidade de comunicação, são apontados por Ridde, Delormier e Goudreau (2007)¹⁷ como dimensões do empoderamento individual, organizacional e comunitário.

Considerando que deve haver coerência entre a teoria de base da intervenção e sua avaliação, o processo avaliativo deve ser um espaço privilegiado para o empoderamento e a construção de sujeitos por meio de uma abordagem emancipatória e participativa, atingindo uma dimensão pedagógica que colabora para o fortalecimento de indivíduos, grupos e organizações¹⁸ por meio do desenvolvimento de capacidades.

1.4. O desenvolvimento de capacidades em processos avaliativos

De acordo com Gaetani (2005)¹⁹, desenvolver capacidades implica um processo de médio a longo prazos que deve ser reinventado localmente e de acordo com o contexto do entorno. Significa ainda desafiar mentalidades e diferenciais de poder e implica o respeito a sistemas de valores e ao estímulo à autoestima. Dessa maneira, requer o estabelecimento de estruturas de incentivos positivos e consistentes, pois significa crescer a partir das capacidades existentes, mais do que produzir novas.

Brandão, Silva e Palos (2005)²⁰ apontam cinco dimensões estratégicas para apoiar o desenvolvimento de capacidade avaliativa de pessoas e grupos, com base nos princípios de aprendizagem, autonomia, respeito e participação:

- 1) a consciência e a capacidade de lidar com as relações de poder presentes nas ações avaliativas;
- 2) a busca de razões e motivação para avaliar as práticas;
- 3) a construção de certo grau de identidade [...]em torno da avaliação;
- 4) o desenvolvimento de competências no campo da facilitação e gestão de processos e da investigação da realidade, necessárias à realização de avaliações;

- 5) a captação e a alocação de recursos para criar as condições de trabalho necessárias aos processos de avaliação²¹.

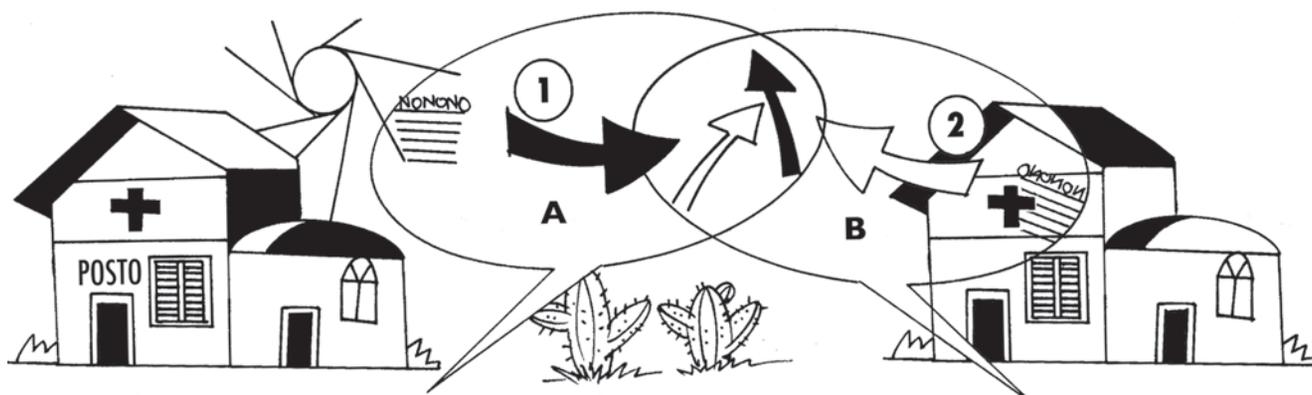
Sob outra perspectiva, conhecimento do contexto local, engajamento, disponibilidade mínima para atuar localmente, perseverança, pertencimento, visão intersetorial e confiança podem ser identificados como capacidades possíveis de serem desenvolvidas no próprio processo avaliativo participativo em promoção da saúde.

Estabelecendo um paralelo entre tais capacidades requeridas para a avaliação e aquelas possíveis de serem desenvolvidas no próprio processo avaliativo, percebe-se redundância nos processos voltados para o desenvolvimento de capacidades e empoderamento. O empoderamento, como resultado processual, é a própria de evidência que as capacidades requeridas foram desenvolvidas e acionadas.

2. O PROCESSO AVALIATIVO LOCAL: REFLEXÕES COM BASE EM UMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES

A partir do conhecimento e da análise dos contextos locais – e aqui usaremos a nossa experiência em promoção da saúde com comunidades do agreste de Pernambuco²² – podemos afirmar que o processo de avaliação tem funcionado como elemento de reflexão de práticas do cotidiano e dos valores priorizados pelas coletividades, se esse processo for adequadamente conduzido. Da reflexão aprofundada ao desenvolvimento de capacidades e empoderamento, existe um longo trajeto que a equipe de monitoramento, sistematização e avaliação em promoção da saúde deve apoiar e apresentar coerência no que se refere à transparência, confiança, colaboração e participação efetiva.





Com base na experiência avaliativa local, constatamos que as comunidades de cinco municípios do agreste de Pernambuco apresentavam-se fragmentadas, impotentes e sentindo-se excluídas.²³ Essa constatação corresponde ao que Bloom (1987)²⁴ descrevia como “achatamento e retração da vida”, onde não se leva em conta a “força da convicção do coletivo”, sem a qual a apatia coletiva se impõe. Essa apatia promove perda de sentido e de horizontes. Assim, as pessoas ficam desprovidas de poder, deixando o seu poder político nas mãos “dos mesmos de sempre”. Dessa forma, fortalecer poderes locais e capacidades individuais e coletivas pode levar a redescobrir pertencimentos particulares, seja aos lugares, às famílias, aos hábitos, às crenças, às culturas, às origens e, assim, restabelecer a verdadeira autoestima, autonomia e capacidade de reciprocidade.

O papel do processo avaliativo participativo na promoção da saúde reforça a necessidade de socializar preocupações, potencialidades, de monitorar processos e de se comprometer com o entorno. De acordo com Leleux (1997)²⁵, essa socialização pode ser considerada a partir de três eixos prioritários: a) aprendizagem da autonomia individual, b) cooperação social e c) participação social. Ainda segundo Leleux,²⁶ a aprendizagem da autonomia aporta duas competências distintas: a) o acesso a um pensamento formal e aos princípios da vida democrática e em coletividade, e b) a aptidão para avaliar e julgar.

Seguindo ainda a mesma linha de raciocínio, o exercício da razão comunicativa proposto por Habermas (1983)²⁷ e praticado no processo avaliativo participativo impulsiona o indivíduo a desenvolver comportamentos solidários e propicia o desenvolvimento de laços afetivos no exercício dessa racionalidade e desse agir comunicativo, quando vividos localmente. O sujeito, dessa forma, torna-se mais apto a “saber avaliar” e a “avaliar e agir”. Esse ganho de capacidade permite que o indivíduo possa se descentralizar de sua singularidade e dela se abstrair para finalmente poder mobilizar livremente princípios, regras de julgamento e de ação que são válidos e validados por um número crescente de pessoas da coletividade.²⁸ Essa troca envolve não somente os membros da comunidade, como também os membros da equipe avaliadora num processo de aprendizagem e reflexão crescentes.

Diversas experiências de avaliação participativa, vividas e registradas nos municípios da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis,²⁹ nos permitem afirmar que mudanças de comportamento e de postura frente ao poder constituído são os resultados mais facilmente observáveis nessa rotina. No entanto, registramos que resultados mais concretos afeitos ao ato de delegar poder e de transformar a relação de dependência são mais lentos e precisam ser mais bem incorporados pela população.

Como então avaliar o empoderamento, princípio essencial dessa prática? Avaliamos, então, o processo de empoderamento ou o processo avaliativo serve para empoderar? O procedimento depende do ponto de partida. Em projetos, programas, ações de promoção da saúde, o empoderamento é sempre almejado. Dessa forma, avaliar ações de promoção da saúde significa também estimular e avaliar processos de empoderamento e de desenvolvimento de potencialidades e capacidades. Para avaliar participativamente esses processos, precisamos registrar nosso “marco zero”. Como fazê-lo? No nosso caso, utilizamos grupos focais, oficinas e entrevistas com informantes-chave que tentavam mapear os valores comuns, o papel das organizações associativas e cooperativas, as relações de confiança, os vínculos existentes e a percepção sobre a vida em comum, sobre si próprio e sobre “o outro”. Vários instrumentos de fácil visualização devidamente validados, foram utilizados³⁰ para esboçar um panorama de nosso ponto de partida.³¹ Consideramos aqui que a avaliação participativa promove a reflexão dos envolvidos de forma a permitir ajustes no decorrer do processo³². O esquema elaborado baseia-se nos cinco tempos de sistematização propostos por Hollyday (1996)³³: a) ponto de partida, b) perguntas iniciais, c) recuperação do processo vivido, d) reflexão de fundo e e) ponto de chegada.

Assim, como ponto de partida todos os integrantes do projeto constroem o sentimento de grupo a partir do mapeamento e do compartilhamento de seus desejos (produzir, ter espaço comum de trabalho, aprender novas tecnologias, fortalecer-se no “saber fazer”, no “saber viver”, no “saber ser” e no “saber conviver”), talentos e capacidades. Após compreender de onde partimos, diversas questões são suscitadas de maneira a estimular e acompanhar o processo de execução das propostas:

- a) Para que queremos avaliar o nosso processo de intervenção?
- b) Está havendo fortalecimento do grupo? De que tipo? Quais são as evidências?
- c) Como está se dando o processo de engajamento dos interessados?
- d) Como o grupo percebe a sua participação e o alcance das suas iniciativas no sentido de transformação do seu cotidiano?
- e) Que mudanças podem ser elencadas no decorrer do processo?

Com as perguntas feitas, busca-se recuperar todo o processo vivido e aí se tenta responder às questões iniciais. Reportando-nos à nossa experiência no agreste pernambucano, pudemos registrar que, de acordo com os integrantes do projeto, a avaliação promove o aprimoramento das ações e a reflexão da “forma de fazer”, além de permitir a comparação do que se conseguiu com o que se pretendia, enfatizando a necessidade de planejamentos claros e participativos.

Dessa maneira, a reflexão de fundo na sistematização de um processo de monitoramento tem relação com o processo evolutivo das concepções e dos conhecimentos dos participantes sobre seu fortalecimento, bem como com os pontos convergentes e divergentes de interesses, desejos, objetivos e conteúdos dos parceiros.

Seguir, sistematicamente, o processo avaliativo participativo e de empoderamento em promoção da saúde demanda dedicação, coragem para rever os próprios valores, tanto da equipe avaliadora como dos participantes, conhecimento, registro e análise do contexto local e das intercorrências, além de vontade de transformar.

Assim, é essencial que, além de considerar a efetividade das ações desenvolvidas localmente, a aceitabilidade da avaliação por todos os envolvidos, a garantia da equidade na condução do processo e a conveniência da avaliação devem ser arduamente perseguidas num processo participativo que pretende desenvolver capacidades e promover empoderamento. A aceitabilidade implica um olhar sensível cotidiano e, por isso, é considerada inovadora no processo avaliativo e fundamental para o sucesso de uma proposta participativa.

Para que o processo avaliativo possa, de fato, promover empoderamento ele tem que discutir os resultados da avaliação com a comunidade. Se não cumprir essa etapa, não terá desenvolvido capacidades nem promovido empoderamento. Por isso, essa é uma etapa vital na avaliação participativa em promoção da saúde, da forma como a concebemos neste texto, pois avaliar não é uma atividade que deva ser realizada e mantida guardada para um número seletivo de pessoas. O uso dos resultados da avaliação de forma apropriada significa:

- tornar as partes interessadas cientes dos procedimentos e descobertas da avaliação
- considerar as descobertas nas decisões ou ações relacionadas ao programa
- garantir que aqueles que participam da avaliação a considerem benéfica³⁴.

Apesar de sabermos que os resultados das avaliações devem ser usados, é comum que os mesmos não sejam aproveitados completamente na tomada de decisões e ações subsequentes. Os participantes da avaliação devem fazer um esforço deliberado para promover o uso das descobertas da avaliação. Eles também têm a responsabilidade de impedir o mau uso das descobertas, tanto no decorrer do processo como nos seus resultados. Para que sejam bem comunicados, disseminados e utilizados, é preciso que haja credibilidade do avaliador, divulgação correta das descobertas, esclarecimento dos relatórios, oportunidade e imparcialidade, além de concretização de alterações no contexto do programa ou da organização. A garantia do uso exige a preparação de uma estratégia de comunicação de resultados desde os primeiros estágios da avaliação.

O próprio processo de se executar uma avaliação é importante. Quando as pessoas são expostas à lógica, ao bom-senso e aos valores que guiam a avaliação, seu pensamento e seu comportamento podem mudar profundamente. A participação em uma avaliação pode encorajar as partes interessadas a basearem as decisões em julgamentos sistêmicos, em vez de em afirmações parciais; estimular as partes interessadas a esclarecerem sua compreensão das metas do programa, desse modo melhorando sua capacidade de funcionar como uma equipe; e ajudar as partes interessadas a esclarecerem o que é realmente importante através do processo de definição de indicadores.

Segundo o Centro de Ações Comunitárias Avançadas em Saúde Pública – CBPH (2000),³⁵ quatro elementos são importantes na certificação de que os achados de uma avaliação são usados:



o processo avaliativo participativo e de empoderamento em promoção da saúde demanda dedicação, coragem para rever os próprios valores, tanto da equipe avaliadora como dos participantes, conhecimento, registro e análise do contexto local e das intercorrências, além de vontade de transformar.

■■■■■■■■■■

*Transparência, coerência, coragem
de rever valores, persistência e
partilha são os ingredientes que
propomos e que utilizamos num
processo em que pessoas avaliam
as próprias ações, a dos gestores
locais, a das equipes técnicas e
tentam transformar o seu cotidiano
de maneira mais “empoderada” e
mais confiante nas habilidades e
capacidades desenvolvidas ao longo
do processo coletivo.*

■■■■■■■■■■

- a) **Preparação** – etapas realizadas visando se preparar literalmente para usar depois os achados da avaliação.
- b) **Partilha** – comunicação que ocorre entre todas as pessoas envolvidas na avaliação. Deve acontecer em todos os estágios do processo de avaliação. A partilha propicia a criação de um clima de confiança entre as partes interessadas. Deve-se delegar a função de promover a partilha a um responsável que se encarregará da atividade durante todo o processo.
- c) **Acompanhamento** – suporte de que muitos usuários precisam *por todo* o processo de avaliação. Essa etapa, em particular, refere-se ao suporte que é necessário *após* os usuários receberem os resultados da avaliação e começarem a atingir e justificar suas conclusões.
- d) **Disseminação** – processo de comunicação dos processos de avaliação ou lições aprendidas ao público relevante em uma maneira tempestiva, imparcial e consistente. Independentemente de como as comunicações sejam estruturadas, o objetivo da disseminação é atingir a divulgação completa e o relato imparcial.³⁶

Transparência, coerência, coragem de rever valores, persistência e partilha são os ingredientes que propomos e que utilizamos num processo em que pessoas avaliam as próprias ações, a dos gestores locais, a das equipes técnicas e tentam transformar o seu cotidiano de maneira mais “empoderada” e mais confiante nas habilidades e capacidades desenvolvidas ao longo do processo coletivo.

NOTAS:

- ¹ TANAKA, Oswaldo Yoshimi; MELO, Cristina. Uma proposta de abordagem transdisciplinar para avaliação em Saúde. **Interface – Comunic, Saúde, Educ, Botucatu (SP)**, v. 7, ago, p.113-118. 2000.
- ² SILVA, Rogério Renato; BRANDÃO, Daniel. **Os quatro elementos da avaliação**. São Paulo: Instituto Fonte, 2003. p. 3. Disponível em: <<http://www.fonte.org.br>> Acesso em 02, ago. 2008.
- ³ SILVA, Rogério Renato; BRANDÃO, Daniel. (2008) **op. cit.**; BRANDAO, Daniel, SILVA, Rogério Renato; PALOS, Cássia Maria. Da construção de capacidade avaliatória em iniciativas sociais: algumas reflexões. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p.361-373. 2005.
- ⁴ DE SALAZAR, Ligia. Feasibility for health promotion under various decision-making contexts. In: McQUEEN, David; JONES, Catherine. **Global perspectives on health promotion effectiveness**. New York: Springer, 2007. p.353-365.
- ⁵ Trecho da carta escrita pelos membros do Grupo Técnico em Promoção da Saúde ao Exmo. Sr. Ministro da Saúde, Dr. Saraiva Felipe, em julho de 2005, durante Oficina no Congresso de Ciências Sociais da ABRASCO, em Florianópolis.
- ⁶ DE SALAZAR, Ligia. (2007) **op. cit.**
- ⁷ ROSSI, P.H.; FREEMAN, H.E.; LIPSEY, M.W. **Evaluation: a systematic approach**. London-New Delhi: Thousand Oaks, Sage Publications, 2004.
- ⁸ AKERMAN, Marco; MENDES, Rosilda; BÓGUS, Claudia. Avaliação participativa em promoção da saúde: reflexões teórico-metodológicas. In: BOSI, M.L.M.; MERCADO, F.J. A. (Org.) **Avaliação qualitativa de programas de saúde: enfoques emergentes**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006; PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Participatory evaluation of healthy municipalities: a practical resource kit for action**. Washington: PAHO, 2004.
- ⁹ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Guia de evaluación participativa para municipios y comunidades saludables**. Lima: Pan American Health Organization, 2006.
- ¹⁰ POLAND, Blake; FROHLICH, Katherine; CARGO, Margaret. Context as a fundamental dimension of health promotion program evaluation. In: POTVIN, Louise, McQUEEN, David. (Eds.) **Health Promotion evaluation practices in the Americas**. Washington: Springer, 2008.
- ¹¹ SILVA, Rogério Renato; BRANDÃO, Daniel. **Os quatro elementos da avaliação**. São Paulo: Instituto Fonte, 2003. p. 3. Disponível em: <<http://www.fonte.org.br>> Acesso em 02, ago. 2008.
- ¹² RIDDE, Valéry; DELORMIER, Treena; GOUDREAU, Ghislaine. Evaluation of empowerment and effectiveness: universal concept? In: McQUEEN, David; JONES, Catherine. **Global perspectives on health promotion effectiveness**. Nova Iorque: Springer, 2007. p.385-399.
- ¹³ OAKLEY, P.; CLAYTON, A. **Monitoramento e avaliação de empoderamento**. São Paulo: Instituto Pólis. 2003. 98p.
- ¹⁴ FRIEDMAN, 1992. **Apud** OAKLEY, P.; CLAYTON, A. (2003) **op. cit.**
- ¹⁵ CRAIG; MAYO, 1995. **Apud** OAKLEY, P.; CLAYTON, A. (2003) **op. cit.**
- ¹⁶ VAN DER EIKEN, 1990. **Apud** OAKLEY, P.; CLAYTON, A. (2003) **op. cit.**
- ¹⁷ RIDDE, Valéry; DELORMIER, Treena; GOUDREAU, Ghislaine (2007)

op. cit.

- ¹⁸ POTVIN, L., HADDAD, S.; FROHLICH, K. L. Beyond process and outcomes evaluation: a comprehensive approach for evaluating health promotion programs. In: ROOTMAN, I.; GOODSTADT, M.; HYNDMAN, B. et al. (Eds) **Evaluation in health promotion: principles and perspectives**. Copenhagen: World Health Organization, 2001; BRANDAO, Daniel; SILVA, Rogério Renato; PALOS, Cássia Maria. (2005) **op. cit.**
- ¹⁹ GAETANI, F. **Desafios à gestão na cooperação internacional**. Brasília: PNUD. 2005.
- ²⁰ BRANDAO, Daniel; SILVA, Rogério Renato; PALOS, Cássia Maria. (2005) **op. cit.**, p.1
- ²¹ **Id. ibid.**
- ²² FRANCO DE SÁ, R.; YUASA, M.; VIANA, V. P (Orgs.). **Municípios saudáveis no Nordeste do Brasil: conceitos, metodologia e relações institucionais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2006. 144 p.
- ²³ MELO FILHO, D. A.; FRANCO DE SÁ, R.; CHUMA, J. **Avaliação do capital social nas áreas de atuação do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil**. 2. ed. Recife : Ed. Bagaço. 2007. 180p.
- ²⁴ BLOOM, A.D. **L'âme desarmée: essai sur le déclin de la culture générale**. Paris : Julliard. 1987.
- ²⁵ LELEUX, C. **Repenser l'éducation civique**. Paris: Les éditions du cerf. 1997.
- ²⁶ **Id. ibid.**
- ²⁷ HABERMAS, J. **Morale et communication: conscience morale et activité communicationnel**. Paris: Les éditions du cerf. 1983.
- ²⁸ LELEUX, C. (1997). **op. cit.**
- ²⁹ FRANCO DE SÁ, R.; YUASA, M.; VIANA, V. P (Orgs.). (2008) **op. cit.**
- ³⁰ MELO FILHO, D. A.; FRANCO DE SÁ, R.; CHUMA, J. (2007) **op. cit.**
- ³¹ Registramos aqui que acreditamos em quadros que são mutáveis de acordo com novas contingências. Portanto, ter um “marco zero” não significa que o processo de empoderamento seguirá sempre de forma crescente. Os membros dos grupos mudam; os contextos locais também são dinâmicos. De fato, é preciso acompanhar e analisar constantemente a dinâmica local.
- ³² FRANCO DE SÁ, R.; YUASA, M.; VIANA, V. P (Orgs.). (2008) **op. cit.**
- ³³ HOLLYDAY, O.J. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. 1996.
- ³⁴ FRANCO DE SÁ, R.; MOYSÉS, S. Compartilhando e comunicando os achados da avaliação. Avaliação em Promoção da Saúde. In: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. CEAD. **Capacitação de gestores e profissionais do SUS em promoção da saúde: curso de extensão na modalidade A Distância**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Módulo 4. No prelo.
- ³⁵ CENTER FOR THE ADVANCEMENT OF COMMUNITY BASED PUBLIC HEALTH. **Uma estrutura de avaliação para os programas de saúde da comunidade**. Carolina do Norte: CBPH , 2000.
- ³⁶ **Id. ibid.**

ABSTRACT

Ronice Franco de Sá; Simone Tetu Moysés. **The health promotion evaluation process as an empowering and capacity-building strategy.**

The text discusses the participatory evaluation process as a collective action strategy to develop capacities in the health promotion area. It briefly defines the concepts of health promotion evaluation, context analysis, empowerment and capacity building, as a way of making the reader to understand the process of evaluating and systematizing experiences. It utilizes a concrete experience as reference for its assertions. The adopted approach allows to raise several questionable matters regarding the health promotion evaluation process as an instrument for social change.

Keywords: *Participatory evaluation; Health promotion; Empowerment; Context analysis; Capacity building.*

RESUMEN

Ronice Franco de Sá; Simone Tetu Moysés. **El proceso de evaluación en la promoción de la salud como estrategia de empoderamiento y de desarrollo de capacidades.**

Presenta el proceso de evaluación participativo como estrategia de acción colectiva para el desarrollo de capacidades en el campo de la promoción de la salud. Conceptúa, en forma breve la evaluación de promoción de la salud, análisis de contexto, empoderamiento y desarrollo de capacidades, con la finalidad de proveer las bases para la comprensión del lector del proceso de evaluación y de sistematización de experiencias. Utiliza una experiencia concreta como referencia para las afirmaciones. El enfoque adoptado permite que se planteen varios cuestionamientos sobre el proceso de evaluación de promoción de la salud como instrumento de transformación social.

Palabras clave: *Evaluación Participativa; Promoción de la Salud; Empoderamiento; Análisis de Contexto; Desarrollo de Capacidades.*